

**“Que a sua alegria  
seja perfeita ao  
ouvir  
definitivamente e  
para sempre a sua  
voz”**

Roma despediu-se de Bento XVI com um funeral austero, em uma manhã muito nublada. Em sua homilia, o Papa Francisco elogiou o modo como Bento XVI se entregou à Igreja.

05/01/2023

“Pai, nas tuas mãos entrego o meu espírito” ( *Lc 23, 46*): são as últimas palavras que o Senhor pronunciou na cruz; quase poderíamos dizer, o seu último suspiro, capaz de confirmar aquilo que caracterizou toda a sua vida: uma entrega contínua nas mãos de seu Pai. Mãos de perdão e compaixão, de cura e misericórdia, mãos de unção e bênção, que O impeliram a entregar-Se também nas mãos dos seus irmãos. Aberto às pendências que ia encontrando ao longo do caminho, o Senhor deixou-Se cinzelar pela vontade do Pai, carregando aos ombros todas as consequências e dificuldades do Evangelho até ao ponto de ver as suas mãos chagadas por amor. “Olha as minhas mãos”: disse Ele a Tomé (*Jo 20, 27*); e o mesmo diz a cada um de nós: “Olha as minhas mãos”. Mãos chagadas que se nos estendem numa oferta incessante a fim de conhecermos o

amor que Deus tem por nós e acreditarmos nele (cf. *1 Jo* 4, 16)<sup>[1]</sup>.

“Pai, nas tuas mãos entrego o meu espírito” é o convite e o programa de vida que inspira e pretende modelar, como um oleiro (cf. *Is* 29, 16), o coração do pastor até que palpitem nele os mesmos sentimentos de Cristo Jesus (cf. *Flp* 2, 5): dedicação agradecida, dedicação orante e dedicação sustentada pela consolação do Espírito.

*Dedicação agradecida*, feita de serviço ao Senhor e ao seu Povo que nasce da certeza de se ter recebido um dom totalmente gratuito.

“Pertences a eles; pertences-Me a Mim”: sussurra o Senhor. “Tu estás sob a proteção das minhas mãos, sob a proteção do meu coração. (...)”

Permanece no espaço das minhas mãos e dá-Me as tuas”<sup>[2]</sup>. Trata-se da condescendência de Deus e da sua proximidade, capaz de Se colocar nas

mãos frágeis dos seus discípulos para poderem alimentar o seu povo, dizendo com Ele: tomai e comei; tomai e bebei! Isto é o meu corpo oferecido por vós (cf. *Lc* 22, 19). A synkatabasis total de Deus.

*Dedicação orante*, que se plasma e aperfeiçoa silenciosamente por entre as encruzilhadas e contradições, que o pastor deve enfrentar (cf. *1 Ped* 1, 6-7), e o esperançado convite a apascentar o rebanho (cf. *Jo* 21, 17). Como o Mestre, carrega sobre os ombros a cansaça da intercessão e o desgaste da união pelo seu povo, especialmente onde a bondade é contrastada e os irmãos veem ameaçada a sua dignidade (cf. *Heb* 5, 7-9). Neste encontro de intercessão, o Senhor vai gerando a mansidão capaz de compreender, acolher, esperar e apostar para além das incompreensões que isso possa suscitar. Fecundidade invisível e incontolável, que nasce de saber em

que mãos temos posta a nossa confiança (cf. 2 Tm 1, 12). Confiança orante e adoradora, capaz de moldar as ações do pastor e adaptar o seu coração e as suas decisões aos tempos de Deus (cf. Jo 21, 18):

“Apascentar significa amar, e amar quer dizer também estar prontos para sofrer. Amar significa dar às ovelhas o verdadeiro bem, o alimento da verdade de Deus, da palavra de Deus, o alimento da sua presença”<sup>[3]</sup>.

E também *dedicação sustentada pela consolação do Espírito*, que sempre o precede na missão e transparece na paixão de comunicar a beleza e a alegria do Evangelho (cf. Francisco, Exort. ap. *Gaudete et exsultate*, 57), no testemunho fecundo daqueles que, como Maria, permanecem de muitos modos ao pé da cruz, naquela paz dolorosa mas robusta que não agride nem escraviza; e na esperança obstinada mas paciente de que o

Senhor há de cumprir a promessa feita aos nossos pais e à sua descendência para sempre (cf. *Lc* 1, 54-55).

Também nós, firmemente unidos às últimas palavras do Senhor e ao testemunho que marcou a sua vida, queremos, como comunidade eclesial, seguir as suas pegadas e confiar o nosso irmão às mãos do Pai: que estas mãos misericordiosas encontrem a sua lâmpada acesa com o azeite do Evangelho, que ele difundiu e testemunhou durante a sua vida (cf. *Mt* 25, 6-7).

No final da *Regra Pastoral*, São Gregório Magno convidava e exortava um amigo a prestar-lhe esta companhia espiritual: “No meio das tempestades da minha vida, conforta-me a confiança de que tu manter-me-ás à superfície sobre a tábua das tuas orações e, se o peso das minhas culpas me abater e

humilhar, emprestar-me-ás a ajuda dos teus méritos para me elevar”. É a consciência do pastor que não pode carregar sozinho aquilo que, na realidade, nunca poderia sustentar sozinho e, por isso, sabe abandonar-se à oração e ao cuidado do povo que lhe está confiado<sup>[4]</sup>. É o Povo fiel de Deus que, congregado, acompanha e confia a vida de quem foi seu pastor. Como as mulheres do Evangelho no sepulcro, estamos aqui com o perfume da gratidão e o unguento da esperança para lhe provar, uma vez mais, o amor que não se perde; queremos fazê-lo com a mesma unção, sabedoria, delicadeza e dedicação que ele soube dispensar ao longo dos anos. Queremos dizer juntos: “Pai, nas tuas mãos entregamos o seu espírito”.

Bento, fiel amigo do Esposo, que a tua alegria seja perfeita escutando definitivamente e para sempre a sua voz!

[1] Cf. Bento XVI, Carta enc. *Deus caritas est*, 1.

[2] Idem, *Homilia na Missa Crismal* (13/IV/2006).

[3] Idem, *Homilia na Missa do Início do Pontificado* (24/IV/2005).

[4] Cf. *ibidem*.

---

## ***O meu testamento espiritual***

Se nesta tarda hora da minha vida olho para as décadas que percorri, como primeira coisa vejo quantas razões tenho para agradecer.

Agradeço antes de tudo ao próprio Deus, o dispensador de todo bom dom, que me doou a vida e me guiou através de vários momentos de confusão; levantando-me sempre toda vez que começava a escorregar e dando-me sempre novamente a luz

da sua face. Retrospectivamente vejo e compreendo que mesmo os trechos obscuros e cansativos deste caminho foram para a minha salvação e que justamente neles Ele me guiou bem.

Agradeço aos meus pais, que me doaram a vida num tempo difícil e que, a custa de grandes sacrifícios, com o seu amor me prepararam uma magnífica morada que, com sua clara luz, ilumina todos os meus dias até hoje. A lúcida fé de meu pai me ensinou a nós, filhos, a crer, e como indicador sempre foi firme em meio a todas as minhas aquisições científicas; a profunda devoção e a grande bondade de minha mãe representam uma herança à qual jamais poderei agradecer suficientemente. Minha irmã me assistiu por décadas de maneira desinteressada e com afetuoso cuidado; meu irmão, com a lucidez dos seus juízos e a sua vigorosa determinação, sempre me abriu o

caminho; sem este seu contínuo  
preceder-me e acompanhar-me, não  
poderia ter encontrado o caminho  
justo.

De coração agradeço a Deus pelos  
muitos amigos, homens e mulheres,  
que Ele sempre colocou ao meu lado;  
pelos colaboradores em todas as  
etapas do meu caminho; pelos  
mestres e os estudantes que Ele me  
deu. Agradecido, confio a todos à Sua  
bondade. E quero agradecer ao  
Senhor pela minha bela pátria nos  
pré-alpes bávaros, na qual sempre vi  
transparecer o esplendor do próprio  
Criador. Agradeço às pessoas da  
minha pátria, porque nelas pude  
sempre experimentar de novo a  
beleza da fé. Rezo para que a nossa  
terra permaneça uma terra de fé e  
vos peço, queridos compatriotas: não  
vos distraiais da fé. E finalmente  
agradeço a Deus por todo o belo que  
pude experimentar em todas as  
etapas do meu caminho,

especialmente, porém, em Roma e na Itália, que se tornou a minha segunda pátria.

A todos aqueles que de algum modo tenha cometido um erro, peço perdão de coração.

Aquilo que antes disse aos meus compatriotas, o digo agora a todos aqueles que na Igreja foram confiados ao meu serviço: permanecei firmes na fé! Não vos deixeis confundir! Com frequência, parece que a ciência – as ciências naturais de um lado e a pesquisa histórica (em particular a exegese da Sagrada Escritura) de outro — seja capaz de oferecer resultados irrefutáveis em contraste com a fé católica. Vi as transformações das ciências naturais desde tempos remotos e pude constatar como, ao contrário, tenham desaparecido aparentes certezas contra a fé, demonstrando-se ser não ciência,

mas interpretações filosóficas  
somente aparentemente  
incumbentes à ciência; assim como,  
por outro lado, é no diálogo com as  
ciências naturais que também a fé  
aprendeu a compreender melhor o  
limite do alcance de suas afirmações  
e, portanto, a sua especificidade. São  
pelo menos 60 anos que acompanho  
o caminho da Teologia, em especial  
das Ciências Bíblicas, e com o  
subseguir-se das várias gerações vi  
ruir teses que pareciam inabaláveis,  
demonstrando-se serem simples  
hipóteses: a geração liberal (Harnack,  
Jülicher ecc.), a geração  
existencialista (Bultmann ecc.), a  
geração marxista. Vi e vejo como do  
emaranhado das hipóteses tenha  
emergido e emerja novamente a  
razoabilidade da fé. Jesus Cristo é  
realmente o caminho, a verdade e a  
vida — e a Igreja, com todas as suas  
insuficiências, é realmente o Seu  
corpo.

Por fim, peço humildemente: rezem por mim assim que o Senhor, não obstante todos os meus pecados e insuficiências, me acolher nas moradas eternas. A todos aqueles que me são confiados, dia após dia, vai de coração a minha oração,

*Benedictus PP XVI*

29 de agosto de 2006

.....

pdf | Documento gerado  
automaticamente de [https://  
opusdei.org/pt-br/article/missa-  
exequial-pelo-sumo-pontifice-emerito-  
bento-xvi/](https://opusdei.org/pt-br/article/missa-exequial-pelo-sumo-pontifice-emerito-bento-xvi/) (09/02/2026)